UM TEXTO DE FRONTEIRA: *MEU TIO ROSENO, A CAVALO*

Norma
Wimmer[1]
UNESP – C.S.J.
Rio Preto

RESUMO:

Em *Meu tio Roseno, a cavalo* (2000) de Wilson Bueno, o sobrinho-narrador relata as lembranças da cavalgada de cinqüenta léguas e meia do Guairá a Ribeirão do Pinhal realizada por seu tio. O texto reproduz o falar dos habitantes da região fronteiriça entre Paraná, Mato Grosso do Sul e Paraguai - isto é, uma linguagem na qual expressões e termos em espanhol e em guarani são adequados à morfossintaxe do português.

Palavras-chave: fronteira; plurilingüsmo; Wilson Bueno.

RÉSUMÉ:

Dans *Meu tio Roseno, a cavalo* (2000) de Wilson Bueno, le neveu-narrateur raconte les souvenirs de la chevauchée de cinquante lieues et demie, de Guairá à Ribeirão do Pinhal, entreprise par son oncle. Le texte reproduit la façon de parler des habitants de la région de frontière entre les États du Paraná, Mato Grosso do Sul et du Paraguay - c'est à dire um langage dans lequel des expressions et des mots en espagnol et en guarani sontajustés à la morphosyntaxe du portugais.

Mots-clés: frontière; plurilangagement; Wilson Bueno.

Uma das armas mais poderosas para a constituição de comunidades imaginadas homogêneas foi a crença na existência de uma língua nacional, ligada a uma literatura nacional que contribuísse, no domínio da língua,

1 Doutora em Literatura Comparada. Professora no Ibilce-UNESP / *Campus* de São José do Rio Preto

para aquilo que se considerava cultura nacional. Ainda em conformidade com as ideologias do século XIX, a cumplicidade entre língua, literatura, cultura e nação estava estreitamente relacionada à ordem geopolítica e às fronteiras geográficas. Língua e Literatura integravam, assim, uma ideologia de Estado como, por exemplo, ocorreu com o nacionalismo do projeto romântico brasileiro. Neste sentido uma determinada variante da língua portuguesa considerada padrão, no Brasil, deveria caracterizar toda a produção literária e os aportes regionalistas trazidos por diversos escritores românticos e realista-naturalistas, ou ainda aqueles registrados pelos modernistas representariam, principalmente, desvios mais ou menos exóticos, marginalizantes ou inovadores.

Em nossos dias observamos que os conceitos de cultura, língua e literatura sofrem modificações: a idéia de homogeneidade e unidade a eles associada anteriormente passa a ser relegada em favor de outras como, principalmente, a de transculturação – fundamentada sobre os processos complexos e multidirecionais das transformações culturais – e que inclui a ênfase em fronteiras, migrações e plurilinguajamento. O plurilinguajamento poderia ser definido como o momento no qual uma língua viva se descreve como um estilo de vida na intersecção de duas ou mais línguas, isto é, em um viver entre línguas. Exemplos de plurilinguajamento ocorrem nas obras de Augusto Roa-Bastos e Glória Anzaldua – o primeiro representando as intermitências espanhol/guarani do Paraguai e a segunda o "tex-mex" da fronteira Estados Unidos/México.

No Brasil, naquilo que diz respeito à representação literária do plurilinguajamento, destaca-se a figura de Wilson Bueno. Nascido em 1949, em Jaguapitã, na região fronteiriça com o Mato Grosso do Sul e o Paraguai, este autor publicou vários textos. *Mar paraguaio*(1992) e *Meu tio Roseno, a cavalo* (2000) revelam sua atenção às características do portunhol do brasiguaio.

Em estudo intitulado *Palavras do Guarani* (São Paulo: edição própria, 2000) Cecy Fernandes Assis trata da questão da linguagem nas áreas fronteiriças do Brasil e designa a mescla de línguas que caracteriza o falar da região, *jopara.* No *jopara* ocorre material léxico português/ espanhol adaptado à morfossintaxe do guarani; trata-se de uma fala muito circunstancial, sujeita à competência ou incompetência de cada indivíduo, o que dificultaria traçar-lhe um perfil. As palavras e expressões em espanhol e guarani em *Meu tio Roseno, a cavalo* constituem uma espécie de *jopara* às avessas uma vez que é à morfossintaxe do português que se inserem as

palavras dos outros idiomas. Neste sentido o autor provavelmente se dê conta da estranheza que a inclusão do léxico guarani causa ao leitor, razão pela qual ele insere, no final do volume, um *Elucidário Guarani.*

Meu tio Roseno, a cavalo constitui também um texto essencialmente limítrofe, na medida em que transgride os parâmetros dos gêneros literários, desconstrói a ordem temporal cronológica e reinventa uma geografia muito própria e pessoal. Estas características possivelmente decorram do fato de o texto ser constituído pelas recordações da cavalgada de cinqüenta léguas e meia, "aéreas lembranças", empreendida pelo protagonista durante sete céus e seis entrecéus, e narrada, muito tempo depois, a seu sobrinho. Tio Roseno - Roseno Rodrigues de Oliveira - sanfoneiro e capador de galo, conhecedor da língua e da nação paraguaia, teria nascido em 1923 e sido

> menino marceneiro pelo Itararé afora, atravessador de balsa pelos remansos do Piquiri, guia de cego em Marília, amansador e cavalo xucro ao sopé da Amambaí e, desde rapaz o mais falado capador de galo do San del Guairá, a fama correndo além de Pedro Juan Caballero, sendo de berço, contudo, nativo do Pinhal e tendo a margem paranaense do Paranapanema na palma da mão igual que a última morada. (p.48)

O sobrinho-narrador, aquele que, ao fluxo de sua memória recorda a memória do tio não consegue identificar o gênero a que remete seu relato: lenda, fábula, cuento, raconto, história ou ainda, poderíamos acrescentar, História revisitada. Das várias categorias de subgêneros por ele evocados nenhuma se adequa a seu texto que, na verdade, é um amálgama de todos: nem fábula *de montaria, tropeira, guerreira* ou *lupina*; nem lenda *antiga, de viés ou sidérea*; nem cuento, nem raconto; nem história *guarani, ao vento, a cavalo, antiga* – mas tudo ao mesmo tempo, alternado-se, sobrepondo-se e se completando.

De tio Roseno o sobrinho-narrador apresenta múltiplas facetas (ele revive aventuras e desventuras recorrentes em histórias populares) às quais correspondem as múltiplas variantes no nome: Rosemundo (um herói quase universal); Rosenovo (quando, enfatiotado, vai à feirinha de Araré); Rosevivo (quando demonstra esperteza); Rosevil (quando se deixa levar pela malvadeza); Rosenente (em rompantes de valentia), etc.

Às várias facetas associam-se recordações de caráter lírico, picarescamente épico ou fantástico: é o caso da relação com a índia Anamá ou com Doroí "uma história de amor como não existe mais, desde sempre inventada" (p.55) ; das quixotescas lembranças da feirinha de Araré onde

o espetáculo teatral do circo é interrompido em decorrência da ira do povo, particularmente do tio, decidido a disparar tiros contra um dos atores – cena que encontra seu paralelo no cinematógrafo de Assunción quando, moço e bêbado, Rosenente "deu dois tiros na tela (...) Azáfama e debandar de gente. Mas riso mesmo foi nosso tio entre dois meganhas jurando que atirara em legítima defesa..." (p.62-63); no desembuste da mulher barbada, "a maior mulher barbada do mundo, a mulher barbada da feirinha de Araré" (p.35) ou ainda, no bar em Araré, na briga com os soldados. Ao fantástico remetem, entre outros, o encontro, na noite de sexta-feira, com o Encovado, o procurado Luisón, o lobisomem, o Desdentado, o Hã'yva medonho; as alusões ao porco Títalo, andando, dizia-se pelo Aruanã, pela noite, na cabeça uma coroa de papa, levado pela coleira por um tal Reguiásceo (p.69); ao Ivitú, "assim como uma que espécie de visagem do vento" (71) e ao Hesati "monstro de pó e poeira que os antigos diziam morar debaixo do Morro da Alexandrina, distrito de Aruanã" (p71).

A temporalidade em *Meu tio Roseno, a cavalo* fixa-se, concretamente a partir de três datas: 1923, ano de nascimento do tio; 1943, época aproximada da aventura e 13 de março de 1949, momento de nascimento do sobrinho-narrador. À memória, por vezes involuntária do tio, que associa os eventos desta viagem em particular ao nascimento de Andradazil, sua filha, acrescenta-se a memória do narrador. Dela não escapam os fantasmas da História, a recordação da "guerra do Paranavaí" representando todos os conflitos ocorridos na região, o antes e o depois (entre eles, guerra do Paraguai, do Contestado) por meio de um discurso que, em certo sentido, foge do controle: "...como era que será a guerra do Paranavaí, quando foi e serão seus canhões. A morte não há?" (p.30) Casos de atrocidades cometidas – recontadas, deturpadas, deslocadas; imagem de esqueletos de soldados crucificados brilhando na noite escura integram o imaginário coletivo ao lado de boitatás ou lobisomens e aproximam a História à fantasia popular.

Também a configuração fronteiriça remete a dupla rememoração do passado, a do tio e a do sobrinho; do percurso realizado "desde o entroncamento do Breu com o Laranjinha, para lá de Guairá" (p.13), próximo ao Aquidaban-Niqui "que passa na beira do túmulo de Lopez, no país do Paraguay" (p.14), até Ribeirão do Pinhal, no Paraná, fixam-se os nomes das localidades associadas às aventuras do tio (Assunción, Araré, Guairá) além de informações de ordem geográfica que conformam a região.

Finalmente, em *Meu tio Roseno, a cavalo* verificamos a representação de um viver entre línguas e culturas que, em certo sentido, questiona a

geopolítica de fronteiras; neste sentido, Wilson Bueno refigura a geografia de seu texto como um entre-lugar contigente que revê, na memória coletiva, o passado e a própria História e que, ao mesmo tempo, questiona e reinventa o presente.

REFERÊNCIAS

ASSIS,C.F. *Palavras do guarani.* São Paulo: edição própria, 2000.

BUENO,W. *Meu tio Roseno, a cavalo*.São Paulo: Editora 34, 2001.

MIGNOLO,W. *Histórias locais/projetos globais.* Belo horizonte: Editora UFMG,2003.

.